

A ARTE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

ART IN EARLY CHILDHOOD



AMANDA ELISDEIRE LEITÃO SOARES

Graduação em Pedagogia Licenciatura plena pela Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos (2010); Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Anhanguera de Guarulhos (2017); Pós-Graduação em Educação Infantil, pela Faculdade Campos Elíseos (2021); Pós-Graduação em Neuropsicopedagogia, pela Faculdade Campos Elíseos (2022); Pós-Graduação Lato Sensu de Educação Matemática pela Faculdade do Estado de São Paulo (2023); Pós-Graduação em Tecnologias Educacionais (2024); Pós-Graduação em Análise do comportamento aplicada ABA pela Faculdade UNIFAHE (2024); Professora de Educação Básica da EPG Olavo Bilac na Prefeitura Municipal de Guarulhos e Professora de Educação Infantil no CEI Tremembé na Prefeitura Municipal de São Paulo.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a importância da arte na primeira infância como linguagem fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Com base em referências teóricas e documentos oficiais, aborda como as experiências artísticas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social, além de favorecerem a construção da identidade e da cultura infantil. São exploradas as diferentes linguagens artísticas presentes na educação infantil: o desenho, a música, a dança e o teatro, destacando seu papel na expressão e comunicação das crianças pequenas. O texto também analisa o papel do educador na mediação das práticas artísticas, os desafios enfrentados nas instituições de ensino e as possibilidades para uma abordagem pedagógica mais sensível, criativa e inclusiva. Conclui-se que a arte deve ser compreendida como um direito da criança e como uma ferramenta essencial para a formação de sujeitos críticos, autônomos e culturalmente conscientes desde os primeiros anos de vida.

Palavras-Chave: Arte na Infância; Educação Infantil; Desenvolvimento Infantil; Linguagens Artísticas; Expressão Cultural.

ABSTRACT

This article proposes a reflection on the importance of art in early childhood as a fundamental language for the integral development of children. Based on theoretical references and official documents, it

addresses how artistic experiences contribute to cognitive, motor, emotional, and social development, in addition to promoting the construction of children's identity and culture. It explores the different artistic languages present in early childhood education: drawing, music, dance, and theater, highlighting their role in the expression and communication of young children. The text also analyzes the role of the educator in mediating artistic practices, the challenges faced in educational institutions, and the possibilities for a more sensitive, creative, and inclusive pedagogical approach. It concludes that art should be understood as a child's right and as an essential tool for the formation of critical, autonomous, and culturally aware individuals from the earliest years of life.

Keywords: Art in Childhood; Early Childhood Education; Child Development; Artistic Languages; Cultural Expression.

INTRODUÇÃO

A primeira infância, período que abrange os primeiros anos de vida da criança, é considerada uma das fases mais significativas para o desenvolvimento humano. É nesse momento que ocorrem importantes aquisições cognitivas, motoras, emocionais e sociais, fundamentais para a construção da identidade e das formas de interação com o mundo. Nesse contexto, a arte se apresenta como uma linguagem essencial e natural da criança, permitindo-lhe expressar sentimentos, ideias, desejos e percepções mesmo antes da aquisição plena da linguagem verbal.

As manifestações artísticas (desenho, pintura, modelagem, música, dança e teatro), proporcionam experiências sensoriais e simbólicas que ampliam as possibilidades de aprendizagem e contribuem de forma direta para o desenvolvimento integral infantil. Além disso, a arte estimula a criatividade, a imaginação, o pensamento crítico e a autonomia, sendo uma potente aliada nos processos educativos da educação infantil.

Reconhecendo a relevância da arte na infância, este artigo tem como objetivo discutir a importância das práticas artísticas no cotidiano das crianças pequenas, analisando como essas experiências contribuem para seu desenvolvimento global, para a construção de sua identidade e para sua inserção cultural. Também serão abordados o papel do educador, os desafios enfrentados na implementação de atividades artísticas e as possibilidades de uma prática pedagógica mais sensível, criativa e significativa.

A PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS CARACTERÍSTICAS

A primeira infância compreende o período que vai do nascimento até os seis anos de idade, fase em que ocorrem transformações intensas e rápidas no desenvolvimento físico, emocional,

cognitivo e social da criança. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), os primeiros anos de vida são determinantes para o futuro do indivíduo, pois é nesse momento que se estabelecem as bases neurológicas e afetivas que influenciarão a aprendizagem, o comportamento e a saúde ao longo da vida.

Do ponto de vista do desenvolvimento, as crianças pequenas são naturalmente curiosas, criativas e exploradoras. Elas aprendem por meio da experiência concreta, da observação, da experimentação e da repetição. É por isso que o ambiente rico em estímulos e a interação com adultos atentos e afetivos são fundamentais para favorecer esse processo. Nessa fase, o brincar é a principal atividade da criança e representa uma ferramenta essencial para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e motoras.

De acordo com Vygotsky (1991), o desenvolvimento infantil ocorre por meio das interações sociais, sendo a cultura um fator essencial na formação das funções psicológicas superiores. Nessa perspectiva, a arte assume papel de destaque, pois constitui uma forma privilegiada de mediação entre a criança e o mundo, permitindo-lhe interpretar, transformar e dar sentido às suas vivências.

Além disso, é importante destacar que cada criança possui um ritmo próprio de desenvolvimento. Portanto, as práticas educativas voltadas à primeira infância devem respeitar essas particularidades, promovendo experiências significativas que considerem suas necessidades, interesses e potencialidades. A arte, com sua natureza expressiva, lúdica e simbólica, torna-se uma linguagem especialmente adequada para atender a essas demandas, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e criativos desde os primeiros anos de vida.

A ARTE COMO LINGUAGEM EXPRESSIVA NA INFÂNCIA

A arte, na primeira infância, configura-se como uma das mais autênticas formas de expressão da criança. Antes mesmo de dominar a linguagem verbal, o ser humano já se comunica por meio de gestos, traços, sons e movimentos, formas artísticas naturais que revelam sentimentos, desejos e percepções. Nesse sentido, a arte não deve ser vista apenas como um recurso didático, mas como uma linguagem própria da infância, que merece ser valorizada e compreendida em sua essência.

Segundo Barbosa (2008), “a criança se expressa por meio da arte antes mesmo de falar. Seus rabiscos, seus sons e seus movimentos corporais são maneiras de se comunicar com o mundo e de compreender a si mesma”. Essa afirmação reforça a importância de oferecer espaços e materiais que favoreçam a livre criação artística, respeitando o tempo, os interesses e a individualidade de cada criança.

As produções artísticas infantis não devem ser analisadas com o olhar adulto, pautado em critérios técnicos ou estéticos. Para a criança, o ato de desenhar, pintar, modelar ou cantar é uma

forma de dar sentido à realidade, de brincar com as formas e de explorar possibilidades. Nesse processo, o mais importante não é o produto final, mas sim a experiência vivida. Como afirma Vecchi (2013), “a arte na infância é uma experiência de descoberta e invenção, em que a criança elabora hipóteses sobre o mundo e experimenta formas de expressão singulares”.

Além disso, a arte permite à criança expressar emoções que muitas vezes não consegue verbalizar. O medo, a alegria, a tristeza, a surpresa e a raiva podem ser exteriorizados através das cores, dos gestos e dos sons, contribuindo para o desenvolvimento da inteligência emocional. Gardner (1994), ao abordar a teoria das inteligências múltiplas, destaca que as capacidades artísticas fazem parte das inteligências humanas e devem ser estimuladas desde os primeiros anos de vida, ao lado das linguagens verbal e lógico-matemática.

Dessa forma, a arte, enquanto linguagem expressiva, amplia o repertório simbólico da criança, promove a imaginação, a criatividade e a autonomia, e possibilita múltiplas formas de comunicação com o mundo. Cabe ao educador reconhecer esse potencial e criar contextos que favoreçam a livre criação, a escuta sensível e o respeito à produção artística infantil.

DESENVOLVIMENTO COGNITIVO, MOTOR E EMOCIONAL POR MEIO DA ARTE

As experiências artísticas na primeira infância exercem papel fundamental no desenvolvimento integral da criança, contribuindo para o aprimoramento de habilidades cognitivas, motoras e emocionais. Através de atividades como desenhar, pintar, recortar, dançar ou cantar, a criança explora seu corpo, suas percepções e emoções, construindo saberes de forma lúdica e prazerosa.

No aspecto motor, a arte estimula tanto a coordenação motora fina quanto a ampla. A manipulação de pincéis, lápis, argila, tesouras e instrumentos musicais exige precisão, controle e força, habilidades essenciais para tarefas como a escrita, por exemplo. Segundo Martins (2011), “às atividades artísticas contribuem significativamente para o amadurecimento da motricidade infantil, favorecendo o domínio dos movimentos e a organização espacial da criança”.

Do ponto de vista cognitivo, o contato com diferentes linguagens artísticas amplia as possibilidades de pensamento e raciocínio. Ao experimentar cores, formas, sons e materiais, a criança desenvolve sua percepção visual e auditiva, exercita a atenção, a memória, a comparação e a resolução de problemas. Para Vygotsky (1991), a arte é um campo rico de experiências simbólicas que possibilita à criança internalizar significados e construir estruturas mentais cada vez mais complexas.

No campo emocional, a arte permite à criança expressar seus sentimentos, elaborar experiências e lidar com suas emoções de forma segura e criativa. Quando uma criança desenha algo que a assusta ou pinta algo que a alegra, ela está organizando seus afetos e encontrando formas

de lidar com o mundo interno e externo. Como afirma Reggio Children (2012), “às linguagens artísticas são instrumentos de elaboração da realidade, que acolhem a subjetividade e promovem o bem-estar emocional”.

Além disso, a arte promove a autoestima, pois valoriza a expressão pessoal e a singularidade de cada criança. Ao ver suas produções reconhecidas e respeitadas, a criança sente-se competente e motivada a explorar novas possibilidades criativas. A construção da autonomia, da confiança em si mesma e da capacidade de escolha também são favorecidas nesse processo.

Portanto, a arte, na primeira infância, vai muito além do fazer estético: ela se configura como uma experiência completa, que estimula o desenvolvimento físico, intelectual e afetivo da criança, preparando-a para os desafios da vida e da convivência em sociedade.

O PAPEL DO EDUCADOR NA MEDIAÇÃO DAS PRÁTICAS ARTÍSTICAS

O educador exerce um papel essencial na mediação das experiências artísticas na primeira infância. Sua atuação não deve se limitar à oferta de materiais ou à condução de atividades dirigidas, mas sim à criação de um ambiente sensível, estimulante e acolhedor, no qual a criança se sinta livre para experimentar, expressar-se e construir conhecimento por meio da arte.

A escuta atenta, o respeito à individualidade e a valorização das produções infantis são elementos fundamentais para que a arte seja vivenciada de forma significativa. Nesse sentido, é importante que o educador compreenda a arte como uma linguagem legítima da infância, e não como uma mera atividade recreativa ou decorativa. Como afirma Barbosa (2010), “o educador que reconhece a arte como linguagem amplia as possibilidades de escuta e expressão das crianças, compreendendo suas produções como construções simbólicas ricas de sentidos”.

É responsabilidade do educador promover situações que favoreçam a experimentação com diferentes materiais, cores, texturas, sons e movimentos, estimulando a curiosidade e a investigação. Ele deve atuar como um mediador sensível, que observa, intervém quando necessário e instiga novas descobertas, sem impor modelos prontos ou padrões estéticos que limitem a criatividade infantil. Nesse processo, o erro não deve ser punido, mas acolhido como parte do aprendizado.

Além disso, cabe ao educador organizar o espaço de forma intencional, oferecendo um ambiente rico em estímulos e materiais acessíveis, que convidem à criação. Espaços esteticamente agradáveis, bem iluminados, com cantos de artes variados e liberdade para explorar promovem experiências mais profundas e significativas. Essa concepção está alinhada à proposta de Loris Malaguzzi, criador da abordagem Reggio Emilia, para quem “o ambiente é o terceiro educador”, um espaço que educa e inspira.

Outro aspecto importante é o registro e a documentação dos processos artísticos. Registrar as falas, os desenhos, as descobertas e os sentimentos das crianças permite que o educador reflita sobre sua prática, reconheça os avanços dos alunos e valorize sua trajetória de aprendizagem. Esse material também contribui para a comunicação com as famílias e com a comunidade escolar, reforçando a importância da arte no processo educativo.

Portanto, o educador tem o papel de facilitar o acesso à arte de maneira democrática, respeitosa e criativa, promovendo experiências que contribuam para o desenvolvimento integral da criança. Sua postura aberta, acolhedora e investigativa é determinante para que a arte na primeira infância seja uma vivência prazerosa, formadora e transformadora.

AS LINGUAGENS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A arte, na educação infantil, manifesta-se por meio de diversas linguagens que dialogam entre si e contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Entre as principais estão as artes visuais, a música, o teatro e a dança, formas expressivas que possibilitam à criança vivenciar o mundo de maneira sensorial, simbólica e criativa. Cada uma dessas linguagens oferece oportunidades únicas de aprendizado, promovendo a imaginação, a comunicação e o pensamento crítico desde os primeiros anos de vida.

As artes visuais, como o desenho, a pintura, a colagem, a escultura e a modelagem, são frequentemente as primeiras formas de expressão artística das crianças. Elas permitem explorar cores, formas, traços e texturas, além de representar sentimentos, ideias e experiências vividas. Segundo Ostetto (2004), “as imagens que a criança cria são modos de pensar e narrar o mundo, constituindo verdadeiros textos visuais que devem ser escutados e interpretados com sensibilidade”.

A música é outra linguagem profundamente conectada à infância. O contato com sons, ritmos e melodias favorece o desenvolvimento auditivo, a memória, a linguagem oral e a sensibilidade estética. Além disso, cantar, bater palmas, tocar instrumentos e dançar estimula a coordenação motora, o raciocínio lógico e a socialização. Como aponta Brito (2003), “a música é uma linguagem que acompanha o ser humano desde a vida intrauterina, sendo essencial para o despertar da sensibilidade e da emoção na criança pequena”.

A dança e o movimento corporal também são formas importantes de expressão artística, pois ajudam a criança a conhecer e explorar o próprio corpo, desenvolver noções de espaço, ritmo, equilíbrio e expressão corporal. Essas experiências contribuem não apenas para o desenvolvimento físico, mas também para a autoestima e a consciência de si. A dança, em especial, possibilita a comunicação de sentimentos e ideias por meio do corpo, sem necessidade de palavras.

O teatro na infância aparece de forma espontânea nas brincadeiras de faz de conta, nas dramatizações e nas encenações livres. Ao representar personagens e criar enredos, a criança

trabalha a linguagem oral, a empatia, a imaginação e a capacidade de resolver conflitos. O teatro contribui, ainda, para a construção da identidade e para a compreensão de diferentes papéis sociais e culturais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reconhece todas essas linguagens como fundamentais para a educação infantil, enfatizando que elas devem estar integradas ao currículo de forma contínua, respeitando a cultura da infância e os direitos de aprendizagem das crianças. A integração entre as linguagens também potencializa os processos educativos, tornando a arte um meio dinâmico de construir conhecimento e significar o mundo.

Dessa forma, é essencial que os educadores planejem experiências diversificadas, que envolvam múltiplas linguagens artísticas e respeitem o protagonismo infantil. As práticas pedagógicas devem favorecer o encontro da criança com a arte de maneira lúdica, investigativa e sensível, reconhecendo-a como autora de sua própria produção simbólica.

A ARTE COMO FORMA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E CULTURA

A arte, na primeira infância, não se limita à expressão individual: ela também é um instrumento poderoso de construção da identidade e de inserção cultural. Por meio das experiências artísticas, a criança passa a se reconhecer como sujeito criativo, pertencente a um grupo social, e inicia a construção de uma visão de mundo que reflete sua vivência, sua história e suas relações com o outro.

Desde cedo, a criança é influenciada pelas manifestações culturais do meio em que vive: músicas, danças, narrativas, festas populares, grafismos, objetos, entre outros. Essas referências, quando incorporadas às práticas pedagógicas, promovem o reconhecimento da diversidade cultural e fortalecem o sentimento de pertencimento. Como destaca Barbosa (2002), “a arte é uma forma de participação cultural, e as crianças têm o direito de acesso à pluralidade de linguagens, estéticas e expressões presentes em seu contexto social”.

Ao criar, representar e interpretar, a criança reelabora sua própria realidade e se posiciona frente ao mundo. O contato com diferentes formas de arte permite que ela compreenda que existem múltiplas maneiras de viver, pensar, sentir e expressar-se. Isso contribui para o desenvolvimento da empatia, do respeito à diversidade e da valorização das identidades individuais e coletivas.

A escola, nesse processo, tem a responsabilidade de promover práticas artísticas que dialoguem com a cultura da infância e também com as culturas locais e regionais. Incluir elementos do folclore, da arte indígena e africana, das manifestações populares e da produção cultural contemporânea é uma forma de democratizar o acesso à arte e ampliar o repertório simbólico das crianças. Como aponta Silva (2010), “a arte é um espaço privilegiado para o encontro entre diferentes culturas e para o exercício da cidadania desde a infância”.

Além disso, a valorização das produções artísticas infantis como registros de suas vivências e pensamentos contribui para a construção da autoestima e da identidade. Quando a criança percebe que suas criações são acolhidas, expostas, comentadas e respeitadas, ela fortalece seu sentimento de autoria e sua capacidade de expressão.

Portanto, a arte na primeira infância deve ser compreendida como uma linguagem cultural e identitária, que conecta a criança com suas raízes, com o coletivo e com o mundo. Promover experiências artísticas que respeitem e celebrem a diversidade é um passo essencial para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e conscientes de sua própria história e do valor da cultura em suas vidas.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Apesar da crescente valorização da arte na educação infantil, sua efetiva implementação nas práticas pedagógicas ainda enfrenta diversos desafios. Um dos principais obstáculos está relacionado à formação dos profissionais da educação, que muitas vezes não recebem preparo adequado para trabalhar com as linguagens artísticas de forma consciente e significativa. A ausência de conhecimento específico sobre metodologias artísticas e sobre o desenvolvimento infantil pode levar à aplicação de atividades mecânicas e pouco criativas, que não respeitam a expressão espontânea da criança.

Outro desafio é a valorização da produção infantil. Em muitas instituições, ainda é comum a imposição de modelos prontos ou a correção estética das obras das crianças, o que compromete sua autonomia criadora. Quando a atividade artística se torna apenas decorativa ou segue padrões rígidos, perde-se o caráter expressivo e investigativo da arte, transformando-a em tarefa repetitiva, desmotivadora e descontextualizada.

Há ainda a limitação de recursos materiais e espaciais nas escolas. Muitas vezes, os ambientes não são planejados para permitir experimentações livres com tintas, argilas, instrumentos musicais ou objetos diversos. Além disso, a falta de tempo na rotina escolar pode dificultar a exploração aprofundada das linguagens artísticas, restringindo-as a momentos isolados.

Contudo, mesmo diante dessas dificuldades, há múltiplas possibilidades para tornar a arte uma prática efetiva e transformadora. A adoção de uma postura pedagógica mais aberta, investigativa e sensível por parte dos educadores já representa um avanço significativo. Como destaca Malaguzzi (1999), “é preciso acreditar que a criança é fonte rica de potencialidades e capaz de construir conhecimento a partir de suas próprias descobertas”. Essa visão amplia o papel do educador como parceiro do processo criativo.

Outra possibilidade é o uso de materiais alternativos e recicláveis, que estimulem a criatividade e permitam experiências variadas mesmo com poucos recursos. A criação de ateliês de arte nos espaços escolares, ainda que simples, também favorece a autonomia e a experimentação, além de valorizar o fazer artístico no cotidiano da criança.

Além disso, o investimento em formação continuada dos educadores é essencial para ampliar o repertório cultural e artístico dos profissionais e para desenvolver propostas alinhadas às diretrizes curriculares. Projetos colaborativos, oficinas e trocas de experiências entre professores contribuem para enriquecer as práticas pedagógicas e fortalecer a presença da arte na escola.

Por fim, o apoio das famílias e da gestão escolar também é fundamental. Quando há valorização institucional da arte e reconhecimento de seu papel no desenvolvimento infantil, cria-se um ambiente propício para práticas mais significativas, inovadoras e comprometidas com a formação integral das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte na primeira infância representa muito mais do que uma atividade lúdica: ela é uma forma essencial de comunicação, descoberta e construção de significados. Desde os primeiros anos de vida, a criança utiliza as linguagens artísticas para se expressar, compreender o mundo e interagir com o outro, revelando sua sensibilidade, sua criatividade e sua identidade cultural. Por meio do desenho, da pintura, da música, da dança e do teatro, a criança amplia seu repertório simbólico e desenvolve habilidades fundamentais para sua formação integral.

Ao longo deste artigo, foram discutidas as contribuições da arte para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional da criança, bem como o papel central do educador como mediador das práticas artísticas. Também foram abordadas as diferentes linguagens artísticas que compõem o cotidiano da educação infantil, além dos desafios e possibilidades que envolvem sua implementação nas escolas.

Ficou evidente que promover a arte na infância é garantir o direito à expressão e à imaginação, é reconhecer a criança como sujeito ativo, capaz de criar, interpretar e transformar o mundo ao seu redor. Para isso, é necessário que os educadores estejam comprometidos com uma prática pedagógica sensível, aberta à escuta e ao diálogo com as produções infantis, e que as instituições invistam na formação contínua dos profissionais, na valorização do fazer artístico e na criação de espaços que favoreçam a liberdade criativa.

Conclui-se, portanto, que a arte deve ocupar um lugar de destaque na educação infantil, sendo incorporada de forma cotidiana, planejada e integrada ao currículo. Assim, será possível

construir uma educação mais rica, significativa e humanizadora, capaz de respeitar a infância em sua essência e de preparar as crianças para uma vida plena, sensível e culturalmente consciente.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso 05 jul. 2025.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

MALAGUZZI, Loris. **As cem linguagens da criança**. Reggio Emilia: Reggio Children, 1999.

MARTINS, Mirian Celeste. **Educação e arte: ensinar e aprender com sensibilidade**. São Paulo: FTD, 2011.

OSTETTO, Luciana. **Infância e arte: os fazeres da sensibilidade na educação infantil**. Petrópolis: Vozes, 2004.

REGGIO CHILDREN. **A arte e os direitos das crianças**. Reggio Emilia: Reggio Children, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade no pensamento infantil**. Reggio Emilia: Reggio Children, 2013.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.